

Turismo e Confronto com a Identidade Cultural: impactos psicossociais da atividade turística em Diamantina- MG

Tourism and Confrontation with the Cultural Identity: psychosocial impacts of tourism in Diamantina- MG

Turismo y Confrontación con la identidad Cultural: los impactos psicossociales del turismo en Diamantina- MG

Diego Rodrigues da Silva¹
Paulo Afrânio Sant'Anna²

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo discutir os impactos psicossociais da atividade turística em Diamantina, a partir da concepção de identidade cultural, mais especificamente, a partir das questões identitárias que se apresentam no contato da população local com o turista. Procurou-se centrar sobre os elementos e situações que confrontam ou contrastam significativamente com o modo de vida local. Para tal, realizou-se um grupo focal com os principais representantes dos setores ligados a atividade turística na cidade. Os discursos indicaram que os residentes percebem os impactos de uma forma negativa, sinalizando situações de ameaça e agressão ao modo de vida, além do turismo não ser o único vetor de alteração da identidade tradicional.

Palavras-chave: identidade, turismo, impacto do turismo, confronto/negação da identidade, Diamantina.

Abstract

This research aims to discuss the psychosocial impacts of tourism in Diamantina, from the conception of cultural identity, more specifically, from the identity issues that arise in the contact of the local population with the tourist. We tried to focus on the elements and situations that confront or contrast significantly with the local way of life. To this end, held a focus group with key representatives of the sectors linked to tourism in the city. The speeches indicated that residents perceive the impacts in a negative way, signaling situations of threat and aggression to the way of life, besides tourism is not the only vector of change of traditional identity.

Key words: identity, tourism, impact of tourism, confrontation/denial of identity, Diamantina.

¹ Mestrando em Turismo e Desenvolvimento na Universidade Federal do Paraná. Brasil. E-mail: dhiego.rodrigues@hotmail.com

² Professor Adjunto no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri. Brasil. E-mail: pa.anna1@gmail.com

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo discutir los impactos psicosociales del turismo en Diamantina, desde la concepción de la identidad cultural, más concretamente, de los problemas de identidad que surgen en el contacto de la población local con el turista. Hemos tratado de centrarse en los elementos y situaciones que enfrentan o el contraste de forma significativa con el estilo de vida local. Con este fin, se celebró un grupo de discusión con los principales representantes de los sectores vinculados al turismo en la ciudad. Los discursos indican que los residentes perciben los impactos de una manera negativa, lo que indica las situaciones de amenaza y agresión a la forma de vida, además del turismo no es el único vector de cambio de la identidad tradicional.

Palabras clave: *la identidad, el turismo, el impacto del turismo, la confrontación / negación de la identidad, Diamantina.*

1. Introdução

O turismo é uma atividade que por si só provoca inúmeras transformações, principalmente na comunidade receptora considerando a sua organização e dinâmica sociocultural. Os efeitos provocados pelo fenômeno do encontro de culturas distintas, as influências que uma exercerá sobre a outra, as percepções e as avaliações derivadas desse contato em ambas as partes, são consequências, que embora mais notáveis sobre a comunidade receptora, são também muito expressivas para o visitante. Existem consequências que não são passíveis de mensuração, dado o caráter subjetivo e inconsciente de sua ocorrência, mas que exercem impactos significativos nos adeptos do turismo, a médio e longo prazo, implicando alterações, por exemplo, sobre a identidade cultural.

Stuart Hall (1999) chama a atenção para a discussão em torno da chamada “crise de identidade”. Essa condição vem fazendo com que o sujeito tido como unificado se apresente deslocado por conta das transformações societárias pós-modernas ocorridas em escala global, compondo o sujeito pós-moderno. Constituído por várias identidades, percebe-se que esse novo conceito de identidade passa a ter caráter diferenciado em relação à identidade iluminista e sociológica. Assim estabilidades são desarticuladas, referências são descentradas desencadeando o surgimento de novas identidades que na visão de Hall são abertas, contraditórias, plurais e fragmentadas.

É no contexto de valorização e expansão da atividade turística no Brasil, que a cidade de Diamantina descobre neste ramo econômico uma oportunidade para desenvolver a economia local. Cidade histórica, dotada de um grande patrimônio simbólico referenciado em seu conjunto arquitetônico secular, manifestações artísticas e culturais de importância histórica nacional, é capturada pelo turismo. Além disso, outro fator que impulsionou esse mercado e deu à cidade um selo de destino competitivo frente ao turismo nacional foi o título de cidade histórica Patrimônio Cultural da Humanidade concedida pela UNESCO no final do ano de 1999.

Os estudos que tratam dos impactos do turismo em Diamantina são escassos e estão focados em eventos específicos como a Vesperata (GUIMARÃES 2006) ou sobre o patrimônio de uma forma geral (COSTA, 2009; MARQUES, 2009). Nesse sentido, é relevante a realização de pesquisas que ampliem essa discussão e contribuam para o planejamento e fortalecimento da atividade turística na cidade. Importante destacar que os impactos do turismo, se não forem bem trabalhados, podem pôr em risco, a médio e longo prazo, a cultura local, constituída pela memória e identidade coletivas, bem como pelo patrimônio histórico e artístico, material e imaterial. O fascínio exercido pelos aspectos da cultura do turista pode representar uma ameaça à identidade cultural da comunidade receptora.

Presente trabalho tem como objetivo discutir os impactos psicossociais da atividade turística em Diamantina, a partir da concepção de identidade cultural, mais especificamente, a partir das questões identitárias que se apresentam no contato da população local com o turista. Este, por sua vez, centrou-se sobre os elementos e situações que confrontam ou contrastam significativamente com o modo de vida local.

Como método de coleta de dados, optou-se pela realização de um grupo focal com os moradores locais e representantes das atividades ligadas ao turismo como hotelaria, entretenimento (museus e atrativos), gastronomia, guiamento e agenciamento. A discussão se estruturou em torno do desenvolvimento da atividade turística na cidade e seus impactos e ofereceu elementos relevantes para os objetivos acima propostos. A análise e interpretação dos dados seguiu o modelo de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2002) a partir de indicadores do eixo temático Confronto/negação da identidade tradicional. Refere-se aos questionamentos e conflitos percebidos nas relações sociais da comunidade com o

estrangeiro, indicando ameaças e riscos a integridade identitária local. Estes indicadores constituem três categorias, a saber: Perdas, Sentimento de impotência e Agressão ao modo de vida local.

A fundamentação teórica está estruturada em três partes. A primeira faz uma reflexão sobre a base conceitual da identidade cultural, focando sobre dois autores principais: Stuart Hall e Zigmunt Bauman. A segunda se debruça sobre a caracterização do turismo e debates em torno da sua definição, principalmente a partir dos impactos verificados com o desenvolvimento da atividade. Na terceira, procurou-se apresentar a dinâmica contextual sobre a qual se desenvolveu a investigação, buscando integrar o desenvolvimento histórico às particularidades da atividade turística desenvolvida na cidade.

2. Metodologia

A presente pesquisa pretende mapear os impactos relacionados ao contato intercultural proporcionado pela atividade turística na comunidade de Diamantina, focando a discussão sobre as questões de identidade, mais especificamente aquelas denotadoras de confronto e/ou negação. Nesse contexto, definiram-se como colaboradores para compor a amostra da pesquisa, representantes dos mais diversos setores ligados à atividade turística, nativos ou residentes antigos (mais de 10 anos) de Diamantina.

Essa delimitação visou apreender a experiência desses profissionais/residentes no contato com os turistas. Primeiro, por meio de contato com as lideranças locais, foi feito um levantamento de participantes em potencial da pesquisa. Em seguida, realizou-se contato direto com pessoas que, pelo caráter de suas atividades encontravam-se inseridos nos ramos de hospedagem, agenciamento, transporte e serviços de apoio ao turismo como entretenimento, eventos, guia de turismo, museologia, alimentação, ecoturismo, além do poder público através de membros da Sectur - Secretaria de Cultura, Turismo e Patrimônio da Prefeitura Municipal de Diamantina, do Circuito dos Diamantes e do SEBRAE – Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa.

Nesse momento, foi apresentada a proposta da pesquisa e foi feito o convite para a participação no grupo focal. Verificou-se a disponibilidade dos possíveis colaboradores o que favoreceu o agendamento do encontro contemplando o maior número de convidados.

Para se alcançar os objetivos propostos nesse estudo, optou-se por utilizar a técnica do grupo focal que tem como principal vantagem proporcionar um debate entre os atores que integram a realidade e a dinâmica contextual a ser investigada, refletindo sobre questões importantes acerca do objeto de estudo. O grupo focal é uma metodologia de pesquisa que, segundo Cruz Neto et. al. (2002), tem importância para o futuro da pesquisa social, uma vez que proporciona a superação de pontos contraditórios, possibilitando que as opiniões se tornem públicas aos participantes do grupo para que sejam confrontadas e sujeitas a novas críticas no momento de sua eclosão. Este autor faz algumas considerações sobre a utilização desta técnica.

Ressel et. al. (2008) aponta que “ela é apropriada nas pesquisas qualitativas, que objetivam explorar um foco, ou seja, um ponto em especial.” (p. 780). Além disso, outras questões devem ser consideradas quando se utiliza a técnica de grupo focal como diferentes formas de sistematização e de organização e a sequência de outros métodos de pesquisa em ciências sociais. O moderador atua como um condutor de toda a discussão, facilitando o jogo das interferências e demais condicionantes que atuam na formação das opiniões sobre um dado tema, constituindo o grupo, assim, a sua unidade de análise. Isso porque uma opinião, ao ser compartilhada e contestada ao mesmo tempo, é referida como do grupo para efeito de análise e interpretação dos dados. (RESSEL et. al., 2008; GONDIM, 2003)

A escolha do instrumento em questão se fez posteriormente a definição do objeto, dos objetivos e da metodologia de pesquisa, pois aquele é por estes influenciados. O pesquisador precisa conhecer as limitações e as possibilidades pertencentes às técnicas que poderão ser utilizadas em seu trabalho. A principal vantagem desta técnica consiste em promover um discurso grupal impregnado de percepções, conceitos e experiências relativos aos temas e objetivos previamente determinados pelo pesquisador. Esse discurso surge da interação grupal, portanto reflete aspectos da identidade do grupo estudado.

Para o presente estudo foi realizado um grupo focal com duração aproximada de duas horas. O grupo foi composto por seis colaboradores representativos de diversos setores da atividade

turística em Diamantina, a saber: um dono de hotel, um proprietário de atrativo turístico, um guia de turismo, uma agente de viagens, uma diretora de museu e um representante dos taxistas da cidade. Cinco deles são nativos de Diamantina e 1 vive e trabalha na cidade há 20 anos, o que atendeu ao critério de pertença ao universo cultural da cidade. Não compareceram 6 dos convidados que haviam confirmado presença.

As questões colocadas em pauta para provocar o debate foram: O que caracteriza o diamantinense? Como o turista enxerga o diamantinense? Como o diamantinense enxerga o turista? Quais impactos da atividade turística para o diamantinense? O debate foi mediado pelo professor-orientador com auxílio do aluno-pesquisador e foi registrado por meio fonográfico. Posteriormente, foi transcrito na íntegra para a análise.

A análise se baseou no método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2002). Após a transcrição, as falas foram recortadas e agrupadas atendendo ao eixo temático Confronto/negação da identidade tradicional. A segunda etapa consistiu na identificação das categorias presentes nesse eixo e o reagrupamento das falas que foram consideradas como indicadores para a análise. A etapa seguinte foi à discussão dessas categorias a partir dos indicadores e a sua apresentação na forma de resultados. A etapa final, considerações finais, visou à teorização, a partir do material produzido pelo grupo. A fim de conservar a identidade e a integridade dos entrevistados, optou-se por numerá-los de acordo com uma ordem preestabelecida pelos pesquisadores num total de 6 participantes.

2.1. Identidade cultural

A identidade, numa perspectiva conceitual, pode ser definida como um conjunto de características próprias e exclusivas de uma pessoa que lhe dará, portanto, um sentimento de pertença, de inclusão e de fixação em relação a um determinado grupo. Possibilita, desta forma, que o indivíduo tome consciência de si mesmo, perceba o seu papel na sociedade e se sinta parte de um grupo maior que, juntamente com ele, compartilha das mesmas referências. (HALL, 1999) Nesse contexto, a identidade só é possível numa relação de alteridade. À medida que há o reconhecimento de um “outro”, é possível fazer a distinção entre o eu e esse “outro”. Ao identificarmos o “outro”, criamos parâmetros de comparação e referência que permitem perceber as similaridades e as diferenças entre os indivíduos. Nesse sentido, a identidade só se faz a partir do reconhecimento da diferença.

Se a identidade marca tudo aquilo que sou e apresento ao mundo, a diferença então tem um caráter de distinção, reafirmando o que outro é, mesmo que de forma sutil e encoberta. Hall (2000) trabalhou com as identidades nacionais como elemento chave para a compreensão de que a afirmação “sou brasileiro” ao mesmo tempo em que afirma a identidade brasileira, nega a estrangeira, delimitando a diferença. Além de serem interdependentes, identidade e diferença são construções sociais e culturais, ao passo que cada cultura vai construindo os seus próprios sistemas simbólicos e representações que formarão a identidade. Hall (2001), ao tratar da construção da identidade a partir de comunidades nacionais imaginadas, afirma que elas tratam a diferença como unidade ou identidade.

A discussão sobre a identidade cultural passa por questões como: lugar, gênero, raça, história, nacionalidade, orientação sexual, crença religiosa e etnia, que se estabelecem como elementos sustentadores da matriz social sobre a qual a personalidade se desenvolve. Vale destacar toda a influência exercida pela cultura, enquanto um fator de produção humana.

Santos (2004) oferece uma contribuição importante para o entendimento dessa questão:

A definição da própria identidade cultural implica em distinguir os princípios, os valores e os traços que a marcam, não apenas em relação a si própria, mas frente a outras culturas, povos ou comunidades. Memória e identidade estão interligadas, desse cruzamento, múltiplas pelas possibilidades poderão se abrir ora produção de imaginário histórico-cultural. (SANTOS, 2004, p.59).

Hall (2000) também discute essa questão ao considerar que a origem das identidades parece residir num passado histórico expressando certa continuidade e correspondência “para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo que nos tornamos”. (p.109). A identidade cultural se refere aos aspectos relacionados à nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais. Uma particularidade atual do jogo de identidades contemporâneas diz que são móveis, uma vez que o sujeito assume identidades diferentes em momentos distintos e que essa identificação se faz de forma provisória, variável e problemática confrontando com pressupostos sociais tidos como fixos, unificados e centralizados. (HALL, 1999) Bauman (2005) deixa claro que o pertencimento e a identidade não são conceitos fixos, imutáveis e fechados, mas sim “renegociáveis e revogáveis” (p.17)

Essas “identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 1999, p. 08), denominando o que ele chama de crise da identidade.

Assim, os elementos que dão suporte a identidade do sujeito pós-moderno, as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, estão vivendo a fragmentação. Perdemos o sentido de nós mesmos, mudamos a nossa posição no mundo social, vivenciamos não uma, mas várias identidades que às vezes são contraditórias, não resolvidas ou em construção. (HALL, 1999; BAUMAN, 2005)

Partindo da ideia de que uma nação é uma comunidade simbólica em constante transformação, Hall (1999) salienta que a falta de identidade nacional e, portanto, cultural, produz no indivíduo um sentimento de perda subjetiva, uma noção de não identificação, uma vez que não compartilha com seus semelhantes dos mesmos símbolos e representações. O autor diz ainda que uma cultura nacional é uma forma de identidade moderna, pois possui algumas características que a definem como tal: padrões de alfabetização universais, única língua como meio de comunicação, cultura homogênea e instituições culturais nacionais.

Para Bauman (2005), a identidade não é um conceito fechado e pré-determinado, mas um objetivo, uma descoberta, algo que se deve procurar continuamente no desenvolvimento de uma sociedade. Ao discorrer sobre sua concepção de um mundo líquido, afirma que a identidade pós-moderna decorre de uma escolha que o indivíduo pode fazer, tentando “conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis” (p.17). A inconstância que nos leva continuamente a tomar decisões pode se tornar uma válvula de escape para ancorar um falso pertencimento. “Mas também se pode fazer desse fato de não ter escolha, uma vocação, uma missão, um destino conscientemente escolhido-ainda mais pelos benefícios que tal decisão pode trazer para os que a tomam e a levam a cabo (...)”. (BAUMAN, 2005, p. 20)

“Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um nós a que possam pedir acesso.” (BAUMAN, 2005, p.30) Isso porque as afiliações sociais que davam sustentação aos indivíduos como forma de definir a identidade a exemplo de conceitos como gênero, raça, classe, social, país de origem, família, estão se tornando diluídas, alteradas, principalmente nos países detentores de conhecimento e avanço tecnológico considerável. Aliado a isso, há a tentativa de se criar novos grupos com os

quais se compartilhe um pertencimento e que auxiliem na construção da identidade. O indivíduo cria as referências das suas identidades nas quais se apoiará momentaneamente.

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos, e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento-lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. (BAUMAN, 2005, p. 32)

Segundo Hall (1999) a instabilidade e a perda da centralidade da identidade são frutos da modernidade tardia caracterizada por mudanças constantes das estruturas e das instituições políticas e sociais acarretadas pelo processo de globalização. Este favoreceu um contato maior entre as culturas de diferentes espaços, que agora não estão isoladas como antes, sendo que as decisões tomadas individualmente ganham implicações com certa frequência global (GIDDENS, 2000).

O rompimento das fronteiras, avanços significativos da tecnologia e da informação, disputas de espaço no mercado e brigas de poder pela hegemonia do capitalismo também são algumas das características desse processo global. Também foram elementos do deslocamento e descentralização das identidades nacionais, além da globalização, os movimentos de defesa étnica e social, a luta pelos direitos civis, as lutas feministas, dos homossexuais e direitos da liberdade sexual, contraculturais, estudantis, pacifistas, ambientalistas, de libertação dos países africanos e asiáticos. Santos (2002), nessa mesma linha, define a globalização como:

(...) um processo multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo (...) um vasto e intenso campo de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses subalternos, por outro; (...) No entanto, por sobre todas as suas divisões internas, o campo hegemônico atua na base de um consenso entre os seus mais influentes membros (SANTOS, 2002, p. 26-27)

Para Bauman (1999), a globalização está gerando um definimento do poder do Estado que agora está sob o julgo da economia, já que as empresas contando com uma liberdade maior de mercado, possuem mais instrumentos para se livrarem dos prejuízos. As identidades, portanto, encontram pouca segurança em se estabelecer, pois não possuem mais marcos tão “indivisíveis e indomáveis” para se fixarem. Hall (1999), em outro momento, parece

concordar com a visão de Bauman (2005). Salienta que, nesse mundo globalizado, as identidades se tornam mais desvinculadas, desalojadas, desapegadas de seus tempos, histórias, lugares e tradições específicas, numa aparência de “flutuar livremente”. Essa aparente liquidez que leva aos fluxos culturais, oferecem as possibilidades de “identidades partilhadas” pois na lógica do capitalismo global, o consumo deve ultrapassar as fronteiras nacionais e a conquista de novos mercados e influências torna-se a mola mestre da economia.

Nesse sentido, o turismo, ao promover a relação intercultural em diversos níveis, traz à tona a necessidade de se estudar as culturas em trânsito em um contexto turisticamente consolidado, pois esse contato faz com que as culturas e, portanto, as suas identidades, sejam alteradas, contribuindo para manutenção ou recuperação cultural ou afetando a identidade. (TEIXEIRA et. al., 2008, p. 3) Podem atuar tanto na flexibilização quanto na fragmentação identitária dos grupos locais que estão em contato com os turistas pelo fato desta convivência ser cada vez mais frequente e derivar ocorrências de hibridização cultural. Hoje a reconstrução das identidades e a expansão das possibilidades do turismo e de viagens através dos mecanismos da globalização à disposição dos consumidores é uma realidade. (TEIXEIRA et. al., 2008)

2.2. Turismo: dimensão conceitual e impactos

Alguns autores (BARRETO, 2001; BENI, 2004) trabalham com a ideia de que o turismo surgiu da sociedade industrial, estando ligado ao capitalismo, e expandiu-se ainda mais após a Segunda Guerra Mundial visto que o aumento da produtividade permitiu o aumento dos salários, a diminuição das horas de trabalho e a expansão do tempo livre com vistas à promoção do consumo. É nessa lógica que o turismo se insere. Dias (2003) destaca que é importante identificá-lo como uma necessidade básica do indivíduo, psíquica e biologicamente falando, priorizando o deslocamento e a estadia como pontos essenciais.

O turismo é uma atividade que, como qualquer outra, desencadeia mudanças e transformações no local em que se desenvolve, principalmente quando se considera a mesma como um fenômeno social, de contato intercultural. O desenvolvimento do processo turístico desencadeará impactos de natureza positiva e negativa com implicações sinérgicas espaço-temporais, que recairá sobre o homem, a sociedade e o entorno natural. Isso se deve a dinamicidade e o caráter multifacetado das relações de interdependência do meio físico com

as atividades humanas mais amplas. (PIRES, 2001) Para Silva e Filho (2009), os impactos são resultado da interação entre turistas, comunidade e meios receptores.

Paiva (1995) sinaliza que a culminância dos efeitos da expansão da atividade turística se dá não apenas no nível econômico, mas também numa dinâmica que engloba várias instâncias, sejam elas sociais, culturais, psicológicas e políticas que têm chamado à atenção dos órgãos acadêmicos e os vinculados diretamente ao turismo tendo em vista uma revisão do sentido do mesmo. A intensificação da atividade turística, dentre seus principais desdobramentos, determina o contato ou encontro entre população local e turistas, promovendo a socialização entre eles, numa troca de vivências, valores, experiências e sensações. Seja comprando um bem ou serviço ou convivendo simultaneamente num espaço turístico, “os impactos socioculturais, numa atividade turística, são resultado das relações sociais mantidas durante a estada dos visitantes, cuja intensidade e duração são afetadas por fatores espaciais e temporais restritos” (SANCHO, 2001, p. 215).

Souza e Filippo (2006) tecem considerações a esse respeito. Argumentam que o turismo sustentável tende a priorizar os impactos ambientais oriundos do turismo, deixando os impactos socioculturais para uma análise secundária por serem detectáveis a longo prazo já que ocorrem de forma mais lenta e sutil. Esses impactos geralmente se caracterizam por ser em geral invisíveis e intangíveis e, com poucas ou nenhuma chance de serem revertidos após a sua consolidação.

Existem de fato, poucos instrumentos e modelos de mensuração de impactos sociais, dentre os quais se podem citar, pelo valor considerável para a teoria do turismo, O ciclo de vida de uma destinação turística de Butler (1980), as Fases do crescimento turístico de Fernández Fúster (1975) e o Modelo evolutivo da mudança nas atitudes dos residentes para com os turistas, também conhecido como Modelo ou Índice de irritação de Doxey (1975) (AIRES, FORTES, 2001, p. 25) Segundo Barreto (2005), este último esquema é de suma importância, pois é uma ferramenta de grande aplicação na detecção dos impactos sociais, psicológicos e culturais, sendo um dos poucos que tem sido testados e comprovados em vários núcleos turísticos. “Devemos considerar estes modelos de impactos não como lineares, mas como efeitos que podem chegar a acontecer em contextos específicos e particulares.” (PEREZ, 2009, p.91).

2.3. Diamantina: contexto histórico e atividade turística

A origem e nascimento da sociedade diamantinense nos remetem ao passado colonial brasileiro, haja vista que todo o povoamento e riqueza alcançados pela cidade se deram através, primeiramente, da extração de ouro e, num segundo momento, da descoberta e exploração de diamantes no início do século XVIII. Esses recursos foram responsáveis por atrair um grande número de imigrantes principalmente paulistas, baianos e portugueses. A intensificação deste fluxo migratório fez com que a localidade se transformasse num arraial de grande importância comercial, configurando-se como um dos principais centros da economia mineiro-colonial. (LIMA JUNIOR, 1978) Nessa lógica, a zona do ouro e posteriormente a zona do diamante se apresentam como atrativo da migração populacional chegando posteriormente a índices tão altos jamais vistos nessas terras e proporcionando assim a formação de pequenos núcleos de abastecimento ao redor das minas. Desta forma, sítios estrategicamente escolhidos deveriam abrigar esses núcleos que representariam os caminhos principais de ligação do litoral com as “minas mais distantes de Goiás, Mato Grosso e do Planalto de Diamantina”. (COSTA, 2008, p. 108)

Nessa época, evidencia-se uma fase de regulação e controle em torno da dinâmica social e econômica de Diamantina regida por um documento que restringia toda a extração diamantífera ao Império Português. Referenciado como o Livro da Capa Verde, o Regimento Diamantino previa uma administração particular ao distrito isolado dos estrangeiros e até mesmo dos nacionais. Uma das determinações do Regimento Diamantino instaurava uma Administração própria pela Coroa. A chamada Junta Diamantina era composta por um intendente, um fiscal e três caixas, todos subordinados à Administração Diamantina com sede em Lisboa.

A elevação do Arraial do Tijuco à condição de Vila se deu no ano de 1831 e à condição de cidade em 1835. Isso contribuiu para que a Real Extração deixasse de existir tornando livre a atividade garimpeira. Acrescente-se a isso o fato do serviço controlador da Real Extração ter vivido momentos de crise a partir da terceira década do século XIX sendo extinta oficialmente em 1832 e parando de funcionar de fato em 1841. Livres para a exploração particular, os garimpeiros aproveitaram-se da situação. Minas valiosas foram descobertas e desbravadas em toda a parte no Pagão, no Córrego de São João, nos Caldeirões, nos Quilombolas, no Currealinho, entre outros. (MARTINS, 2000) Não foi possível conter a mineração nas terras do

Distrito Diamantino, principalmente após a Independência. “Este *boom* da mineração no antigo Distrito Diamantino durou até 1860, quando a entrada do diamante sul-africano no mercado internacional provocou grande baixa nos preços das pedras preciosas, lançando o município de Diamantina em nova crise”. (MARTINS, 2000, p. 69)

Já no século XX, o declínio na produção do diamante, dado o seu caráter de recurso natural não renovável, aprofundou o processo de estagnação econômica a partir dos anos 60 provocando uma diminuição no ritmo de crescimento urbano (MARTINS, 2000). A partir da década de 70, observa-se um agravamento da queda da atividade garimpeira que se dá por causa das alterações tecnológicas como o uso de dragas, que provocam a expulsão dos trabalhadores que utilizavam técnicas mais tradicionais. Como consequência dessa situação, ocorreu um êxodo populacional, daqueles que não se adaptaram à nova realidade e não conseguiram outro meio de sobrevivência, principalmente no setor primário. (NEVES E REZENDE, 2006).

Em face do declínio da atividade mineradora que, por mais de três séculos foi o sustentáculo da economia diamantinense, Diamantina se volta, cada vez mais, para a promoção de atividades ligadas ao setor terciário. Esse processo de transição econômica que, dentre outros fundamentos, prima pela tentativa de aproveitamento de outros recursos naturais como os hídricos e paisagísticos junto com os recursos culturais e educacionais, marcados pelo valor e importância de sua história e cultura. Nesse sentido, é preciso compreender a mudança de paradigma que orienta a economia local após a perda da sua principal atividade econômica para a construção de uma nova identidade sociocultural.

No final de 1999, Diamantina recebe mais um estímulo para o desenvolvimento da atividade turística: o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Para a candidatura de Diamantina na disputa pelo título, foi apresentado um esboço geral das condições materiais do centro histórico, que dentro do zoneamento especificado no planejamento urbano da cidade, era classificado como zona de proteção rigorosa enfatizando o valor e significado nacional de seu conjunto arquitetônico. Casario datado dos séculos XVIII e XIX, que não se encontrava descaracterizado radicalmente, além de se apresentar como a paisagem mais antiga da cidade com aproximadamente 500 imóveis inventariados. Em torno de um terço destes são do século XVIII e mais da metade encontra-se em bom estado de conservação. (COSTA, 2009).

Segundo Lemos (1981), a preservação, manutenção e restauração deste patrimônio cultural, também formado pelo patrimônio histórico e representativo da cultura de um povo, é de grande importância para o desenvolvimento de uma comunidade, segmentado em três categorias: os elementos da natureza e do meio ambiente, os elementos do conhecimento e do saber humano e os artefatos ou bens culturais. Estes são resultado das construções humanas ao se transformar os elementos da natureza a partir das técnicas humanas. Para que os artefatos façam sentido para as pessoas, eles precisam estar inseridos numa dada realidade social, funcionando como um objeto vivo da conservação da memória coletiva de um povo.

O setor de patrimônio natural e cultural também ganhou espaço dentro da lógica dos atrativos de demanda. Conta com uma infinidade de paisagens naturais representativas do patrimônio natural com espécies nativas e endêmicas faunísticas e florísticas do cerrado brasileiro como o Parque Estadual do Biribiri e atrativos como o Caminho dos Escravos das manifestações dos saberes popular.

Até as últimas décadas do século XX, o garimpo e as atividades agregadas a ele representaram a base da economia diamantinense produzindo e valorizando o espaço local. Porém, para atender ao discurso ambientalista, a legislação mineira proibiu a extração dos recursos naturais, dada a degradação ambiental provocada por ela. A partir de então, a atividade dos garimpos passa a minguar, sobrevivendo, em baixa escala e de forma clandestina. É nesse contexto, conjuntamente com a declaração do Patrimônio Mundial, que o turismo se apresenta como uma nova possibilidade geradora de renda. Segundo entrevistas do grupo focal, percebeu-se que essa proibição ocorreu na mesma época da conquista de Diamantina do título de Patrimônio da Humanidade, havendo assim uma fase muito tênue entre a proibição da atividade garimpeira e do impulso dado ao turismo da cidade com a condecoração da UNESCO.

Diamantina é uma dessas cidades que compõe o tradicional roteiro das Cidades Históricas Mineiras, um dos produtos turísticos em desenvolvimento no estado, fazendo parte do Circuito Turístico dos Diamantes. Juntamente com ele, outro fator que justifica o destaque turístico diamantinense é a sua inclusão na área de influência da Estrada Real, denominado Caminho dos Diamantes, rota que liga o município a Ouro Preto sob a gerência do IER

(Instituto Estrada Real) pertencente à FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais).

Dentre os atrativos que a cidade de Diamantina apresenta ao turista se destacam o Carnaval e a Vesperata, eventos que movimentam um grande contingente de pessoas em períodos específicos do ano. Esta última representa o principal produto de comercialização turística da cidade. Criada na época da campanha de Diamantina a titulação de Patrimônio Mundial, A Vesperata é um evento de caráter musical realizada ao ar livre, na famosa Rua da Quitanda, vulgar Baiuca. Essa atração denota o caráter musical da cultura diamantinense, reconhecida e consolidada durante anos, de influência portuguesa e manifestada em vários aspectos e acontecimentos da vida do morador local. São expressões de valor histórico ressaltando o papel da música na orientação religiosa e educacional do povo diamantinense. Segundo Guimarães (2006, p. 48), “em Diamantina, a música se faz presente em todos os rituais de passagem da vida das pessoas – nascimentos, batizados, aniversários, noivados, casamentos, formaturas – tornando-se enfim, elemento indispensável nas manifestações sociais em geral”.

A história da educação superior em Diamantina começa nos anos 50, quando o então Presidente Juscelino Kubitschek, honorário cidadão diamantinense, cria a Faculdade de Odontologia de Diamantina (FAOD). Hoje, atual UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri), abarca diversos cursos de graduação das áreas de ciências exatas, biológicas e humanas. (NEVES & REZENDE, 2006)

Segundo um estudo denominado Perfil da demanda turística real de Diamantina e região desenvolvido por Silveira e Medaglia (2011), constatou-se que a demanda diamantinense é composta de pessoas de ambos os sexos, bem distribuídas nas faixas etárias, com boa formação escolar e com elevado padrão financeiro, se considerado o padrão de renda do Brasil. O principal emissor é o próprio estado de Minas Gerais, com destaque para centros urbanos como Belo Horizonte e Montes Claros. A demanda é de caráter predominantemente familiar, de pessoas que viajam em pequenos grupos, na maioria das vezes em veículo próprio, permanecendo por um período que varia de 2 a 3 dias, principalmente aos finais de semana, sendo que a maioria (82%) se hospeda em hotéis e pousadas, seguidos de casas de parentes, amigos e pensões. Configura-se como uma demanda independente, pois não tem



tradição de comprar pacotes turísticos. Dentre os principais atrativos, destacam-se a cultura local, a arquitetura e a Vesperata.

Para Mendonça (2005), Diamantina viu no turismo uma oportunidade de desenvolvimento, aproveitando o patrimônio cultural, histórico e artístico e canalizando investimentos para o setor diante das limitações inerentes à atração industrial. Porém, mesmo que alguns investimentos na infraestrutura turística só tenham ocorrido nos últimos anos, a cidade melhorou a qualidade dos serviços para receber o fluxo de visitantes.

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

3.1. Confronto/Negação da identidade tradicional

Na análise da discussão realizada no grupo focal, questões relevantes acerca do confronto que surge da atividade turística com a identidade tradicional de Diamantina, são reveladas. Observa-se a prática de um tipo de turismo que atrai um “estrangeiro” que em certa medida confronta e ameaça a identidade local, gerando questionamentos e percepções de situações antes tidas como naturais e permanentes pelo diamantinense. Notou-se que essa experiência é marcada por três fatores principais: percepção de perdas, sentimento de impotência diante dos desafios gerados pelo turismo e agressão dos turistas e do turismo ao modo de vida local. Ao tratar do encontro com a figura do turista, quando este representa uma ameaça, ele se confunde com a figura dos novos habitantes da cidade (professores e estudantes) com os quais compartilha aspectos negativos: a falta de respeito aos valores e cultura local, a imposição de certos padrões de comportamento e de serviços, a impessoalidade na relação com o outro, etc.

3.2. Percepção de perdas

Uma das consequências desse confronto é o sentimento de perda de referências, costumes e qualidades inerentes ao povo e a dinâmica social do diamantinense. A intimidade e a proximidade que existia entre as pessoas, característica muito enfatizada pelo grupo de discussão, está se perdendo. A comunidade diamantinense encontra-se muito mesclada, misturada pela diversidade de públicos que fazem uso desse espaço, o que gera uma falta de conhecimento em relação às pessoas que moram ao lado.



“Os vizinhos hoje são repúblicas.” “Não tem mais um bom dia. Você passa pelo jovem, aí o jovem não quer saber mais quem está passando. Você diz um bom dia e às vezes o cara nem te responde. Esse é um traço do diamantinense sim que está se perdendo.” (E1; 2011).

Devido a diminuição do contato e das relações sociais entre as pessoas, perde-se também a cordialidade, pois os grupos que se introduzem no sistema trazem consigo novos hábitos, comuns aos grandes centros, que vão contra às atitudes características de uma cidade do interior. Parecem afrontar uma comunidade de pessoas que sempre foram muito próximas umas as outras e que sempre se trataram com afetividade. Pela ruptura do ambiente “familiar” até então comum na cidade, percebe-se a perda da solidariedade, princípio muito valorizado pelos moradores locais. “A solidariedade aqui era uma coisa muito forte, muito marcante, e realmente pelo fato de estarmos mesclando tanto, o vizinho não te conhece mais.”(E2, 2011).

Uma cidade aberta à atividade turística e que está em franco crescimento, abarca grupos de diversas origens que colocam em cheque a hegemonia e a continuidade de um estilo de vida marcado pela tradição do garimpo. Vale ressaltar, como indicado anteriormente, que o garimpo não é só uma atividade econômica responsável pela construção de Diamantina, mas também um modo de vida, uma cultura específica que tem dentro do seu sistema normas, competências e padrões de conduta que, estão se perdendo com o tempo. “Se ela tem um título, de repente a gente acreditou que ter um título é preservar, em detrimento daquilo que você tem de melhor, um modo de vida e que não comporta esses elementos que estão chegando e que encontra aí, nos códigos de postura, acesso.” (E3, 2011).

Paralelamente a tradição garimpeira, outras características regionais também parecem estar ameaçadas. A simplicidade, a tranquilidade, as tradições da gastronomia local não são mais tão valorizadas pelos visitantes como características da identidade local. Outro aspecto destacado no grupo focal é a relação da população com o centro histórico. Diamantina, ao contrário de muitas cidades históricas, ainda tem grande parte da sua população residindo no centro histórico, o que permite uma relação viva com a cidade. Porém, diante de certas atividades relacionadas ao turismo, mais especificamente, o turismo de eventos (carnaval, shows, festivais, etc.), associadas à proliferação de repúblicas estudantis, percebe-se uma tendência de esvaziamento do centro histórico. Este fenômeno foi tratado como uma perda dos referenciais históricos expressos na materialidade da arquitetura da cidade que tem um papel essencial na constituição da identidade cultural de Diamantina. Citou-se o exemplo do

Mercado Velho, que a partir da sua reforma, passou a ser utilizado como um ponto destinado à atividade turística em detrimento da função econômica e social que historicamente teve. Um espaço público, que além de possibilitar trocas de mercadoria favorecia também o intercâmbio das várias camadas da sociedade diamantinense, passa a ser um espaço de exclusão de parte dessa comunidade. Nesse contexto, o turismo funciona como um fator que expulsa os habitantes locais de seu território, imprimindo a este características alheias à cultura local. “As pessoas começam a achar que o centro histórico não é para elas mais.” (E3, 2011).

A falta de planejamento da atividade turística e da expansão da cidade, além de prejudicar o desenvolvimento do turismo gera perdas significativas para a qualidade de vida da população.

“Não houve um planejamento, não houve um preparo, não houve um planejamento em todos os sentidos, de urbanismo, para que as pessoas pudessem chegar e fossem melhor acolhidas e que a gente não sentisse em alguns momentos uma invasão muito grande de uma cidade que era muito intimista, de uma cidade em que as pessoas eram muito próximas e que de repente houve uma mudança muito grande rápida. (...) a gente está sentindo que essa qualidade de vida está se perdendo um pouco com essa chegada muito rápida de pessoas, (...) houve realmente uma falta de preparo para receber esse crescimento muito rápido.” (E3, 2011).

3.3. Sentimento de impotência

No contato com o turista surge um sentimento de impotência à medida que este apresenta novas demandas para as quais a cidade não está preparada. Os atores do turismo em Diamantina se sentem impossibilitados de agir, pois existem questões estruturais, que vão além da sua esfera de ação. A falta de planejamento foi destacada como principal entrave para o desenvolvimento do turismo na cidade. As limitações da atividade turística em Diamantina aparecem nas falas dos participantes do grupo focal também como o despreparo da comunidade para receber o turista. Esse despreparo se revela entre aquilo que o turista espera receber e o que eu posso oferecer. Essa atividade, portanto, coloca questões identitárias, à medida que, as queixas, as críticas, as reclamações, como também as sugestões fazem com que o local se reconheça como despreparado.

Devido a falta de planejamento, as pessoas não foram qualificadas para atender a uma demanda diversificada, exigente e crescente, de pessoas que estão acostumadas a um padrão de qualidade que contrasta com o modelo e concepção local.

“Muito difícil hoje você encontrar alguém na cidade que tenha perfil para recepção. Que não seja aquela recepção enquadrada, que vai decorar tudo e depois quando a gente não estiver próximo, ele vai fazer tudo errado. (...). Para esse turismo que vem para a cidade que está interessado numa bagagem cultural que a nossa juventude que está aí, não dá conta.” (E3, 2011).

Nesse contexto, enfatizou-se que o nível de educação oferecida à população local é precário, não permitindo que o jovem saiba o mínimo necessário para atuar no mercado turístico atendendo satisfatoriamente ao turista. O turista que vem em busca de uma bagagem cultural, faz que o jovem se confronte com as limitações da sua formação, como também, com a precária relação que tem com a cultura local, com as tradições e com tudo aquilo que identifica o diamantinense. “Se ele é daqui tem problemas, se ele está na universidade também tem problemas de formação porque não tem se dado conta do mínimo, porque o turista quer isso, é muito simples o que ele quer.” (E3, 2011).

O turismo é uma atividade que busca seguir um padrão globalizado de qualidade como forma de atrair consumidores. Esse padrão entra em conflito com o modelo regional de atendimento, que é pautado na simplicidade, no atendimento não especializado, que desconsidera aspectos importantes para o turismo profissional. Nesse sentido, destaca-se que a comunidade que pretende se inserir no cenário turístico global deve investir na capacitação da população, bem como nos instrumentos e nas atividades que exerce.

“Já para sair uma lei da prefeitura do taxista auxiliar. Eu to tentando fazer com que eles apoiem essa lei de uma certa forma: um trabalha de dia, o outro a noite para atender o fluxo. Aí sempre vai ter taxi. Além de tudo, a gente tá esperando a municipalização para reformular toda a legislação de táxi que está sendo feita, inclusive com tabela, com identificação do motorista, com cursos de capacitação para atender o passageiro, com cursos básicos, vamos supor, de inglês e espanhol. Justamente para o taxista melhorar aquela área.” (E4, 2011).

Contatou-se que a percepção da comunidade da falta de habilidade para lidar com o turismo gerou, num primeiro momento, uma tentativa de se igualar a esse “turista sofisticado”, uma

vez que a comunidade procurou reproduzir alguns dos hábitos desse público. Essa mudança de comportamento pode ser entendida como uma forma de negação da identidade local. “Houve um momento em que o diamantinense entendia que, ao dizer que a porta do turismo estava aberta, que uma outra cultura tinha que ser inventada.” (E2, 2011) O despreparo da cidade para atender às demandas do turismo é atribuído, sobretudo, à falta de planejamento do setor e do amadorismo dos empreendedores locais. “Ela não tinha traquejo nenhum, ela não tinha esse desejo de servir porque abrir uma pousada, um negócio precisa de ter esse desejo de servir, receber da melhor forma. E aí não deram conta, deu tudo errado e fechou. Porque acreditou que turismo era fácil.” (E6, 2011).

A comunidade local não se sente capaz de lidar com os desafios que o turismo apresenta, em parte porque desconhece a atividade turística, não tem um entendimento do que seja essa atividade e o que ela tem a propor. Esse desconhecimento gera desinteresse principalmente das novas gerações que não se sentem ali representadas. “O turismo, assim, primeiro é preciso atender a comunidade, a cidade precisa ter vida, né?” “O turista para ele é uma coisa que está vinda, que não tem nenhuma relação com ele, e ele não vai conseguir entender o que isso vai trazer de benefício para ele”. (E3, 2011)

As necessidades de adequação dos serviços que contrastam com os elementos da cultura local, colocam o desafio para os profissionais de turismo no sentido de melhorar para satisfazer qualitativamente os interesses de sua demanda, que no caso de Diamantina, preza pela cultura, segurança, conforto e comodidade. “O turismo é uma indústria limpa, né. E isso é muito bom, porque faz com que as pessoas procurem melhorar mesmo.” (E1, 2011) “Ela tem a sensibilidade e começou a entender que o turista que chega a Diamantina precisa ser bem recebido, que a pousada dela precisa ser cada vez melhor, que ela precisa ampliar, ela precisa...” (E2, 2011) Outro aspecto importante se refere ao sentimento de impotência em relação ao potencial turístico da cidade, que devido a falta de planejamento e de articulação política, não se transforma em produtos a serem oferecidos ao turista. Este, no contato com a população local, espelha a sua pouca habilidade para reconhecer, valorizar e explorar os recursos que a cidade dispõe.

3.4. Agressão ao modo de vida local

No confronto com o turista o grupo focal revela momentos de tensão devido a algumas manifestações por parte dos novos atores que frequentam a cidade, que fazem que o habitante local se sinta agredido e violentado tanto pelo turista, quanto pelo turismo. O Carnaval apresenta-se como o evento que agride de forma significativa os costumes locais. O público que vem para o carnaval não vem a Diamantina valorizar a cultura local, portanto nega a sua identidade. Pelo contrário, ele representa o “tipo de turista que a cidade não quer”. “Quem vem pro Carnaval de Diamantina não sabe onde fica uma igreja.” “O turista de carnaval nem vê Diamantina, nem conhece Diamantina, ele vem para o carnaval. Se o carnaval fosse bom numa cidade que chama Filho de Fulano, ele iria para lá do mesmo jeito. Não é pelo povo de Diamantina.” (E3, 2011).

O Carnaval de Diamantina deixou de ser feito pelos e para os moradores locais. Ele agride a comunidade pelo fato de colocar em risco a estabilidade social, pois representa a falta de ordem e a perda do controle sobre as pessoas que entram na cidade. Ao descaracterizar os costumes locais, o Carnaval funciona como um elemento de exclusão dos diamantinenses, que se sentem invadidos dentro de sua própria cidade que é tomada por pessoas de todas as origens que desrespeitam a comunidade de diversas formas: no vocabulário, nas atitudes, nas vestimentas, na liberdade de suas expressões, etc. Os moradores da cidade têm vergonha de sair de casa, pois são ridicularizadas, sofrem preconceito racial e são agredidas verbal e fisicamente. “Eu sou um diamantinense assim, que não gosta desse carnaval. Não saio nesse Carnaval. Antes eu saía, mas eu saía de Diamantina. Hoje eu não saio por causa do meu filho, mas é um carnaval horrível. É uma agressão das piores”. (E1, 2011)

Há uma preocupação que esse espírito de desrespeito se estenda a outros momentos ao longo do ano, mais especificamente, com as festas de estudantes, com as casas noturnas e eventos de música promovidos na cidade. Os comportamentos que desconsideram valores da identidade local fazem que o residente se sinta um estranho em sua própria localidade. “E isso está ficando na cidade instalado porque o que vinga em Diamantina é o Carnaval e que vinga o ano inteiro...” (E3, 2011).

No que tange ao sentimento de agressão oriundo da atividade turística, destaca-se também, a ameaça que este representa em relação ao garimpo. Segundo os entrevistados, há uma

associação entre a expansão da atividade turística que ocorreu com o título de Patrimônio da Humanidade, e a proibição do garimpo. Esses dois eventos ocorreram na mesma época, o que fez que parte da população estabelecesse uma relação causa e efeito entre eles.

“Eles entendem, muitas pessoas entendem, porque houve uma fase muito tênue entre a atividade garimpeira, o fechamento dos garimpos, quando a cidade estava se tornando patrimônio da humanidade”. Na cabeça de muitas pessoas, o turismo estava chegando e interrompendo essa atividade. Retirou um meio econômico de vida deles em favor de outro porque eles não têm um entendimento do que é o turismo. E eles também não têm esse entendimento histórico do que aconteceu aqui. (...) ai acaba se tornando uma exclusão. Ele não consegue se encaixar e não consegue entender. (E5, 2011)

4. Considerações Finais

O presente trabalho surgiu da necessidade de investigar a relação existente entre a comunidade de Diamantina e os turistas que frequentam a cidade, tendo em vista que este contato intercultural acarreta diversos impactos na dinâmica e o modo de vida local. As transformações advindas deste encontro influem em diversos aspectos da vida do morador local e se manifestam de forma inconsciente no comportamento das pessoas. Neto e Freire (1990), amparado pelas considerações de Pearce, fazendo uma análise dos poucos estudos realizados sobre os impactos psicossociais do turismo nas comunidades locais, conclui que o impacto é maior quando as comunidades receptoras são pequenas e isoladas. São também mais perceptíveis quando se toma, a exemplo deste trabalho, uma cidade do interior como Diamantina, pacata, tradicional, com um expressivo patrimônio histórico e artístico, que ainda está em processo de inserção na nova dinâmica global.

Através da análise do grupo focal, pôde-se observar que os impactos levantados sobre a comunidade de Diamantina e que incidem sobre a configuração e percepção da identidade dos seus moradores, advêm de três vertentes principais: impactos gerados pelo turismo, impactos gerados pelo fim do garimpo e impactos advindos da ampliação da universidade.

A atividade turística impacta de forma significativa a identidade da população de Diamantina, pois atrai uma parcela considerável de turistas que, em sua maioria, representa um aumento da demanda habitual de serviços. Visitantes de todas as partes indicam e sinalizam uma

necessidade de aprimoramento e melhoramento de serviços e bens que são ofertados a esse público, e questionam aspectos da identidade local, como a imagem de um povo hospitaleiro. À medida que o turismo permite a entrada de pessoas que exigem serviços com padrões de qualidade globalizados, distantes do modo regional de acolhimento, geram impactos que se traduzem no sentimento de impotência. Diante de um consumidor exigente e “sofisticado”, as pessoas se percebem despreparadas e sem qualificação para atuarem numa atividade que exige especialização, sensibilidade e habilidade para lidar com pessoas, etc. A mudança do ciclo econômico de Diamantina, do extrativismo mineral (garimpo) para o setor de serviços (turismo e universidade) tem repercussões profundas para o modo de vida local e, portanto, traz questões de ordem identitária. Nessa nova conjuntura os modos de ser e de fazer se revelam ineficazes e demandam mudanças. Diferente da atividade extrativista, o turismo exige organização, planejamento e políticas de médio e longo prazo e para tal, necessita da mobilização das pessoas envolvidas com a atividade turística na construção de uma equipe gestora participativa, comprometida e articulada. Os empresários locais ainda não conseguiram se articular em torno de metas comuns, e trabalham de forma isolada, visando os seus próprios interesses.

A eclosão da atividade turística com o título de Patrimônio da Humanidade, concomitantemente ao declínio da atividade garimpeira gerou uma falsa relação de causa e efeito entre esses dois eventos. Grande parte da população que vivia do garimpo atribui a proibição dessa atividade ao turismo. O desenvolvimento da atividade turística ocorreu de forma improvisada, sem um trabalho de conscientização e educação que pudesse garantir a migração e a inserção dos trabalhadores garimpeiros na mesma. A falta de conhecimento e compreensão a respeito da atividade turística e do que ela vem propor, acaba provocando a exclusão daqueles que teriam neste setor um novo meio de sobrevivência. Portanto, parte da população diamantinense não se identifica com o turismo, não participa do seu processo de desenvolvimento e fica marginal às possibilidades que ele oferece, o que, por sua vez, acaba impactando negativamente na consolidação dessa atividade na cidade. Souza e Filippo (2006) tecem considerações interpretativas positivas e negativas dessa situação.

Em relação aos impactos gerados pela ampliação da universidade, estes parecem se sobrepuser, no que diz respeito aos aspectos negativos, aos impactos gerados diretamente pelo

turismo ou pela mudança da atividade econômica. Esse dado sugere duas possibilidades de leitura; uma que diz respeito à intensidade desses fenômenos, outra, à sua natureza. A ampliação da universidade ocorre de forma mais intensa e definitiva, ou seja, atrai novos habitantes, como novos hábitos e necessidades. O turismo, do modo como está estruturado em Diamantina, atrai um público ocasional, cujas demandas são mais localizadas e menos constantes. Entretanto, em relação à natureza desses fenômenos, elas se aproximam, pois representam uma mudança da cultura da cidade construída a partir do garimpo. Nesse sentido, aparecem no imaginário local de forma pouco discriminada, ou seja, quando há referências a um, parece também haver referência ao outro.

No tocante à relação turismo/universidade, evidenciaram-se no grupo focal sentimentos contraditórios. Ao mesmo tempo em que há uma expectativa de que a universidade possa contribuir para o planejamento turístico da cidade, uma vez que detém os conhecimentos científicos necessários para a boa gestão dos recursos, há também, um sentimento de frustração em relação à capacidade de atuação da universidade e dúvidas se ela realmente pode resolver, ou ao menos minimizar os impactos negativos dessa atividade. Falas mais realistas e críticas que atribuem à responsabilidade da situação atual do turismo em Diamantina, à população, aos empresários e aos gestores. Destaca-se que não há um movimento dos empresários e gestores do turismo em relação à oferta de recursos educacionais, seja por meio de parcerias ou de iniciativas próprias, que favoreçam a profissionalização da população.

Outra particularidade verificada no grupo focal é que alunos e professores, assim como os turistas do Carnaval, não correspondem ao que a população de Diamantina espera para a cidade, em contraponto com um turista desejado, aquele referido como “selecionado” e “refinado”, “o turista que Diamantina quer e merece”. Um turista que vem em busca de uma Diamantina tradicional, marcada por uma cultura “refinada” e que, portanto, afirma a identidade tradicional da cidade. Por outro lado, essa população “indesejada”, traz consigo novos costumes que entram em conflito com a cultura local.

Constatou-se nesta pesquisa situações em que o diamantinense percebe um confronto visível com a identidade local. O eixo Confronto com a identidade local revelou indicadores que deram origem a três categorias que expressam: percepção de perdas, sentimento de

impotência e agressão ao modo de vida local, comprometendo a identidade. Todos os elementos levantados são percebidos como limitação para a atuação e para a solução dos dilemas que surgem da atividade turística. Destacam-se os indicadores que denotam agressão ao modo de vida local, representando questões que advêm da atitude do turista (a falta de respeito aos moradores), da falta de políticas públicas (promoção de um Carnaval que não contempla a comunidade local) e do turismo (que é uma atividade que vem substituir o garimpo). Esses fatores representam ameaças ao modo de vida local e despertam reações de resistência, muitas vezes marcadas pelo confronto com o turista e com os promotores do turismo local.

Embora a percepção dos impactos psicossociais oriundos do contato turista/autóctone seja negativa, não é possível afirmar que o turismo tem um impacto negativo sobre a identidade local. Isto porque, qualquer mudança, implica em sentimentos de perda e de ameaça, sobretudo em sociedades marcadas pela tradição, como é o caso de Diamantina. Considerando o baixo desenvolvimento da atividade turística em Diamantina e o ainda reduzido e seletivo número de visitantes, fica difícil verificar a dimensão desse impacto na identidade e cultura locais. Por outro lado, todas as transformações sociais, econômicas e culturais que influem diretamente na concepção da identidade do diamantinense apresentando consequências consideradas negativas e que contribuem para a degradação da cidade em todos os sentidos, podem revelar medo e insegurança em relação à possibilidade de perda do título de Patrimônio da Humanidade.

Um aspecto que chama a atenção na análise do grupo focal é a ausência de referências ao caráter religioso, tão presente na constituição da cidade e da identidade do diamantinense. Do ponto de vista da identidade, essa omissão pode ser justificada pelo fato de a religiosidade não ser nem afirmada, nem confrontada no encontro com o turista. Portanto, nesse contexto, a religiosidade não se apresenta como uma questão identitária. Percebe-se que existe uma contradição em relação à concepção do que é a comunidade de Diamantina. Nas falas dos participantes do grupo focal, se evidencia a existência de duas Diamantinas, dicotômicas entre si. De um lado, uma Diamantina idealizada, refinada, de tradições europeias e reconhecida pelo seu valor histórico e cultural. Por outro lado, existe a Diamantina regional, sertaneja, com uma cultura forte representada pelas manifestações e costumes característicos de



camadas sociais mais populares e que até hoje não encontra espaço, nem é valorizada em suas tradições. São expressões das culturas negra, sertaneja, indígena e das regiões periféricas, de uma culinária vasta e miscigenada que não foram destacadas por nenhum dos participantes. Isto sugere que a concepção de cultura predominante no grupo não tem relação com o conceito antropológico de cultura, desconsiderando-a como um processo de produção humana, e como tal, pode ser elaborada por qualquer agrupamento humano que vive em sociedade. Existem assim várias culturas. Não há uma restrição para a caracterização das culturas e todas têm o seu valor. Isto também pôde ser percebido pelos silêncios em torno da musicalidade típica dos grupos menos favorecidos da cidade, que não encontram representação frente aos demais.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BARRETTO, Margarita. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRANO; BRUNS; LUCHIARI (Orgs.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas: Papirus, 2000. p. 17- 33.
- BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o Planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a01.pdf> Acesso em: 26/09/2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BENI, Mário Carlos. Importância econômica e social da globalização do turismo – tendências de longo prazo. In: *Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira*. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2004. Cap. 3: p. 33-72.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP, 2001.
- COSTA, Everaldo Batista da. *A dialética da construção destrutiva na consagração do Patrimônio Mundial: o caso de Diamantina (MG)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009, 281 p. Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-05022009-150209/pt-br.php>> Acesso em: 25/08/2013.
- CRUZ NETO, Otávio et. al. Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, 13, 2002, Ouro Preto, MG: FIOCRUZ, p. 1-26, 4-8 de nov. 2002.
- DIAS, Reinaldo. *Planejamento do Turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2003. 226 p.



E. *Entrevistados do grupo focal*, 2011.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, S/1, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>> Acesso em: 25/08/2011

GUIMARÃES, Elaine Porto. *Estudo dos impactos causados pelo turismo de eventos culturais em localidades turísticas: o caso da Vesperata em Diamantina – MG*. Belo Horizonte: Centro Universitário UNA, 2006, 97 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente, Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIMA JUNIOR, Augusto de. *A capitania das Minas Gerais*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1978.

LEMONS, Carlos, A.C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARTINS, Marcos Lobato. *Da bateia à enxada: Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX*. Diamantina: Ed. Fafidia, 2000.

MATA MACHADO, Aires da. *Arraial do Tijuco: cidade Diamantina*. 3ª ed. São Paulo: Itatiaia, 1980.

MARQUES, Daniel Anilton Duarte. *Estrada Real: patrimônio cultural de Minas Gerais (?) – um estudo de Diamantina e Serro*. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2009, 270 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional em Turismo, Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/8153> Acesso em: 01/09/2013.

MENDONÇA, Marcelo Pereira de et. al. *Evolução do mercado de trabalho no turismo em Diamantina: uma contribuição para reflexões de estratégias voltadas para o desenvolvimento local*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

NETO, Félix; FREIRE, Tereza. Contribuições da psicologia social para a compreensão do fenômeno turístico. *Jornal de Psicologia*, Universidade do Porto, v. 9, n. 4-5, p. 3-13, 1990. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/2058>> Acesso em: 24/08/2013

NEVES, Cláudia Costa; REZENDE, Sonaly. *Aspectos sócio-demográficos do município de Diamantina na transição da atividade mineradora para as atividades turística e educacional*. CEDEPLAR, 2006.

PAIVA, Maria das Graças de Menezes. *Sociologia do turismo*. Campinas: Papyrus, 1995.

PIRES, Paulo dos Santos. Interfaces ambientais do turismo. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. 2ª ed. São Paulo: SENAC, 2001.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. *Turismo cultural: uma visão antropológica*. Coleção Passos Edita. Tenerife, Espanha: ACA y PASOS, RTPC, n. 2, 2009. 307 p.

RAMOS, Karen Vieira; FIGUEIREDO, Antônio Marcus Lima. Contatos culturais no turismo: uma reflexão sobre os processos de aculturação. *XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 31, 2 a 6 de nov. 2008, BA: UESC. Contatos culturais no turismo: uma reflexão sobre os processos de aculturação, Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Natal, RN, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0999-2.pdf>> Acesso em: 08/10/2013.

RESSEL, Lúcia Beatriz, et.al. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 779-786, out-dez 2008. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/714/71411240020.pdf>> Acesso em: 04/10/2011.

SANCHO, Amparo. *Introdução ao turismo*. 1. ed. São Paulo: Roca, 2001.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2002.

SANTOS, Reinaldo Soares dos. *O Encanto da Lagoa: O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na Lagoa Encantada*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo, UESC/UFBA, Ilhéus-Ba, 2004.

SILVA, Karla Márcia da; FILHO, Nelson A. Quadros Vieira. Os resorts e seus impactos nas comunidades locais: estudo de caso do Águas do Treme Lake Resort no município de Inhaúma em Minas Gerais. *Observatório de Inovação do Turismo*. Revista Acadêmica, vol. IV, núm. 3, set. de 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/oit/article/view/1594/1058>> Acesso em: 16/08/2011

SILVEIRA, Carlos Eduardo; MEDAGLIA, Juliana. (coord.). *Perfil da demanda turística real de Diamantina e região: características de viagem, motivações, percepções e expectativas*. Diamantina: UFVJM, 2011.

SOUZA, Gisela; FILLIPO, Cynthia. Impactos socioculturais do turismo na comunidade de Tiradentes Minas Gerais. *Revista Acadêmica do Senac Minas*, v. 3, p. 1-21, 2006. Disponível em: <<http://www3.mg.senac.br/NR/rdonlyres/ee6dfb317upa67zj3s3dpm3mtbearmvb33bwxvmoz4ucsx5ozr2fsywik6bfj36x5et2twfj7g5h7p/cynthia.pdf>> Acesso em: 18/10/2011.

TEIXEIRA, Paulo Roberto et. al. Turismo e globalização: análise da relação com a identidade cultural. *V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo*. Belo Horizonte, MG, 25-26 ago. 2008.

Recebido em: 14/03/2014 (1ª versão) 05/08/2014 (última versão)

Aprovado em: 07/08/2014